

Artigos

O intelecto e a moral Nicomaqueia: as virtudes como um fim na felicidade

Thais Regina Ravazi de Souza¹; Silvia Carla Sérgio²

¹ Graduada em educação Física, Paranavaí (Unespar)

² Graduada em letras, Paranavaí (Unespar)

✉ thais.souza@fatecie.edu.br; silviacsergio@seed.pr.gov.br

Palavras-chave:

Aristóteles.
Virtude.
Felicidade.

Resumo

Aristóteles propõe que a finalidade da vida humana seja a felicidade e está conquistada através do bem viver e do bem agir que se confunde com o ser feliz. Para que esta felicidade seja alcançada, mesmo que momentânea, é necessário um equilíbrio entre as ações, que Aristóteles chama de meio-termo, significando um meio entre o excesso e a falta. Com a intenção de analisar as virtudes para o encontro com a felicidade, surgiu a necessidade de investigar e catalisar elementos que ofereçam subsídios teóricos sobre o assunto proposto nesta pesquisa. O estudo tem por objetivo geral o ato de reconhecer e comprovar cientificamente os conceitos sobre as virtudes na obra de Aristóteles *Ética a Nicômaco*. Os objetivos específicos apresentam-se em: fazer uma breve contextualização da vida e obra de Aristóteles, refletir acerca da virtude Nicomaqueia e estudar sobre a felicidade em Aristóteles. A pesquisa é de cunho teórico, em que bases teóricas serão utilizadas para compor o decorrente texto. O método utilizado é o da História Social em que se busca responder os anseios quanto ao comportamento e as relações sociais, estudando o assunto por várias óticas. Assim, para que o bem maior seja encontrado, entenda-se a felicidade, a virtude deverá estar em equilíbrio, encontrando um ponto em que o meio-termo seja seu fim.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto é refletir sobre o entendimento das virtudes do intelecto e da moral, almejando um bem comum, a felicidade. A reflexão se respalda na obra de Aristóteles *Ética a Nicômaco* dialogando com outros autores que estudaram o assunto. A escolha do autor se dá no momento em que tentamos entender os seus estudos acerca da formação humana, em que nos oferece uma teoria da ação do homem por meio de seus atos. No prefácio do livro *Ética a Nicômaco*, em que se discorre sobre a teoria da ação, Silva fomenta que esta é o estudo dos atos humanos, de como a razão por meio das virtudes, pode interferir nas ações, sendo voluntárias ou involuntárias desejando um meio-termo. Para Aristóteles (EN II,1106b, 25) “[...] a virtude é então um tipo de intermediário, na medida em que ela visa ao meio-termo”.

O meio-termo, estando como intermediário, supõe que as virtudes estejam num ponto de equilíbrio entre o excesso e a falta, proporcionando um bem viver e um bem agir, entendendo como felicidade. Nas palavras de Aristóteles (EM I, 1095a, 19) “[...] supõem que o bem viver e o bem agir sejam semelhantes a ser feliz”. Para o autor a “felicidade é a virtude” que se formam em intelecto e em moral. O intelecto requer tempo, cultivo e depende do ensino, da utilização da mente, é a faculdade do pensar, já a moral resulta do hábito, das ações.

A pesquisa tem estrutura teórica, em que fontes bibliográficas serão utilizadas para compor o corpo do estudo e o método preterido neste texto é o da História Social, em que se busca o entendimento de tudo o que envolve uma sociedade, suas origens, o comércio, a política, a cultura, as várias óticas sociais, proporcionando informações globais que sejam relevantes ao desenvolvimento da pesquisa. Neste método, o passado tem seu papel de significação e que de acordo com Bloch (2002) é um elemento que não se modificará, está estático, porém o conhecimento deste passado está em pleno movimento e aperfeiçoamento.

Refletindo acerca do passado no método da História Social, entendemos como as sociedades se viviam em cada época. Cardoso e Vainfas (1997) explica que o método se apresenta como uma abordagem que visa responder os anseios quanto ao comportamento e às relações sociais e a sociedade é analisada mais a fundo levando em conta o indivíduo como membro atuante dela. Neste texto, o método da História Social terá sua funcionalidade no momento em que optamos por estudar a obra de Aristóteles *Ética a Nicômaco* em que o homem é analisado por meio das virtudes em busca da felicidade.

Para que o processo de construção deste artigo tivesse continuidade, objetivos foram pontuados e estes tornaram-se metas que supunhamos alcançá-las. Os objetivos específicos estão correlacionados ao objetivo principal e apresentam-se em: Fazer uma breve contextualização da vida e obra de Aristóteles, refletir acerca da virtude Nicomaqueia e estudar sobre a felicidade em Aristóteles.

Após delimitarmos o caminho e as metas a serem alcançadas, esperamos que este estudo acolha conhecimentos, no anseio de responder a seguinte problemática: Como as virtudes podem levar o homem à felicidade?

2 ARISTÓTELES: CONTEXTUALIZAÇÃO

Aristóteles nasceu em 384 a.C. na pequena cidade de Estagira, perdeu seu pai com a idade de 7 anos e foi criado pelo seu tio. Aos 18 anos mudou-se para Atenas e passou a frequentar a Academia de Platão. Permaneceu na Academia por 19 anos, até a morte de seu mestre Platão, cujo pensamento o influenciou fortemente. (CHAUÍ 1994). Mesmo influenciando, existem assimetrias nas reflexões de ambos, a grande diferença entre os dois filósofos, apresenta-se no fato de que Platão almeja explicar por que o mundo sensível é tal como ele é, buscando e encontrando a resposta fora dele. Já Aristóteles, deseja compreender como o mundo é, o que é e por que funciona como funciona, encontrando seu sentido nele mesmo, entendida nas palavras de Chauí:

(...) num mundo inteligível eterno à parte, Platão impossibilitou que elas pudessem explicar o mundo sensível, pois nada há em comum entre eles. O sensível se reduz a uma aparência degradada ou a uma deformação do inteligível e o filósofo é convidado a abandoná-lo em lugar compreendê-lo. Epistemologicamente, a teoria das Ideias é inútil. (CHAUÍ, 2002, p. 352)

Aristóteles (2016) ressalta uma teoria do bem e da felicidade que se distancia das ideias de Platão de cunho idealista, pois para ele a eudaimonia (felicidade) é uma atividade das ações do homem que finda no bem viver. Esforçou-se para demonstrar que o inteligível está centrado no sensível, que é sim possível uma ciência voltada para isto, isto é, um conhecimento global e importante das coisas sensíveis.

As virtudes: intelectual e moral

Para estudarmos sobre a virtude, buscamos sua definição e reflexão no livro *Ética a Nicômaco*, em que Aristóteles (EN I, 1103a, 5) distingue a virtude de duas formas “[...] de fato, dizemos que umas são intelectuais e outras morais [...]”. As virtudes nos são apresentadas naturalmente e nós, por conseguinte, as aperfeiçoamos pelo hábito. As intelectuais são aquelas que a mente é acionada, como a inteligência e a sabedoria. Já as morais, relaciona-se com as ações como a temperança e a liberalidade.

[...] a virtude intelectual depende mais do ensino, quer em sua origem, quer em seu crescimento; portanto, ela precisa de experiência e também de tempo; a virtude moral resulta do hábito, de onde lhe vem também seu nome, formado por uma pequena e sutil alteração de “éthos”¹. Por

¹ Éthos”, derivado de Ethiké, significando a ciência da conduta. (ABBAGNANO, 2007, p. 380)

isso, é evidente que nenhuma das virtudes morais é gerada em nós por natureza, pois nenhuma das coisas que existe por natureza torna-se diferente pelo hábito, como a pedra, por exemplo, que se move por natureza para baixo, não se habituaria a mover-se para cima; e nem se pode habituar a mover o fogo para baixo, e nem qualquer coisa, que de modo geral é por natureza, poderia habituar-se de modo diferente”. (EN II, 1103a, 15)

Nenhuma das formas de virtude se origina em nós por natureza, pois nada do que existe por natureza torna-se distinto pelo hábito:

[...] como a pedra, por exemplo, que se move por natureza para baixo, não se habituaria a mover-se para cima, nem se alguém, dez mil vezes, habitue-se a jogá-la para cima; e nem se pode habituar a mover o fogo para baixo, e nem qualquer coisa, que de modo geral é por natureza, poderia habituar-se de modo diferente. Assim, nem é por natureza, nem contrariamente à natureza que as virtudes são geradas em nós, mas é natural para nós recebê-las, e nos aperfeiçoamos pelo hábito. (EN II, 1103a, 20)

As virtudes recebidas são, por meio dos hábitos, aperfeiçoadas, mas Aristóteles (2016) adverte que é preciso estar atento a qualidade destes hábitos ou ações, pois da mesma forma que a prática do bem pode gerar o bem, as ações voltadas para o mal se findam no mal. Se as ações forem justas, o homem tornar-se-á justo, se forem moderadas, se tornará moderado e se as ações forem corajosas, o homem será corajoso, da mesma forma que se suas ações forem destrutivas, ele se tornará destrutivo, em suma as disposições serão semelhantes às ações realizadas.

É necessário ressaltar de que as ações humanas devem evitar o excesso e a deficiência agindo de acordo com a regra justa, sendo a virtude o meio-termo entre as ações. Aristóteles (2016) explica que as virtudes morais são destruídas ou conservadas pela falta do meio-termo:

O que se deve passar em vista primeiramente é que as virtudes morais são, por natureza, destruídas pela falta e pelo excesso (pois para as coisas imperceptíveis, é preciso fazer uso de provas manifestas), assim como vemos no caso do vigor e da saúde; de fato, o vigor é perdido tanto pelo excesso como pela falta de exercícios e, semelhantemente, tanto a bebida quanto o alimento, sendo em grande ou pequena quantidade, destroem a saúde, uma vez que, na devida proporção, eles são produzidos, aumentados e conservados. (EN II, 1104a, 10)

Já sabemos, por Aristóteles, que a virtude é o meio-termo, o meio entre dois vícios, um dos vícios é o excesso e o outro é a deficiência, o meio-termo é a posição intermediária nas paixões e nas ações. Por isso, é difícil a alguns encontrar este meio, para outros é mais comum, pois para que se torne virtuoso há que se afastar do que lhe é contrário, do que lhe tire a posição intermediária.

Devemos nos esforçar para seguir através da direção oposta, pois é somente nos afastando das faltas que cometemos que alcançaremos a posição intermediária, como fazem aqueles que tentam endireitar varas tortas. (EN II, 1109b, 5)

Neste sentido o homem deverá encontrar o meio-termo, digno de louvor por ser raro e nem sempre fácil, evitando o excesso ou a falta que destrói a excelência e este meio-termo levará o homem a felicidade.

A felicidade em Ética a Nicômaco

Todos os homens buscam alcançar a felicidade, mas afinal o que é a felicidade? Para alguns é viver financeiramente bem e ter posses, para outros é estar reunido em família, ainda tem alguns que definem a felicidade em estar num relacionamento amoroso e há aqueles que encontram a felicidade nos pequenos detalhes como o respirar, o enxergar as coisas, em ler um livro, no respeito pelas pessoas, nas virtudes que possui, sejam elas intelectuais ou morais.

Nas palavras de Aristóteles:

A respeito da felicidade, o que ela é, os homens comuns divergem e não a definem do mesmo modo que os sábios. De fato, para eles, a felicidade estaria dentre as coisas aparentes e óbvias, como o prazer, a riqueza ou a honra — uns a definindo assim, outros de outra forma — e muitas vezes também o mesmo homem a define diferentemente: sendo ela a saúde quando está doente, e a riqueza quando em necessidade. (EN I, 1095a, 10)

Como a felicidade é um sentimento que se expressa nas ações, podemos entender por meio de Aristóteles (2016, p. 25) que “[...] parece ser algo perfeito e autossuficiente, sendo um fim dentre as ações”. Sendo um fim dentre as ações, a felicidade se expressa por meio das virtudes, sejam elas intelectuais ou morais, remetendo-se a ações que convirjam ao meio-termo e que Aristóteles define a felicidade como “o bem supremo”. Para entendermos o bem supremo, devemos analisar a função do homem:

Então, se a função do homem é uma atividade da alma segundo a razão, ou que não existe sem razão, e afirmamos que a função é a mesma para uma espécie qualquer e para o que é excelente nisso, como o citarista e o excelente citarista, e em geral a todos esses, acrescenta-se a virtude da excelência segundo a função, pois a função de um citarista é tocar cítara, e a de um excelente citarista, é fazê-lo bem; se isso é assim, [estabelecemos que a função do homem é um certo tipo de vida, e esta é uma atividade da alma e ações segundo a razão; e se é assim, a do homem excelente é completa-la bem e belamente, e cada um o fará bem, segundo a virtude que lhe é própria] o bem pertencente ao homem vem a ser uma atividade na alma segundo a virtude e, se são inúmeras as virtudes, segundo a melhor e a mais perfeita. (EN I, 1098a, 5)

Assim, estudamos que a felicidade é um “bem supremo” e que a função do homem é a atividade da alma segundo a razão, estas atividades se mostram em ações segundo as virtudes que são as intelectuais, aquelas relacionadas a mente e tem longo prazo, e as morais, relacionadas aos hábitos. O meio-termo é quando o homem se aproxima do ponto de equilíbrio entre o excesso e a falta das virtudes, encontrando a felicidade.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as pessoas buscam encontrar a felicidade, ela pode ser encontrada por óticas diferentes, o que para um é a felicidade, para outro não é. Sobre isso Aristóteles em *Ética a Nicômaco* propõe uma teoria da ação humana, por meio dos atos dos homens, indicando que a razão interfere nas paixões e ações. Sabendo da interferência da razão, o autor faz uma reflexão sobre a virtude que pode ser do intelecto ou da moral.

A virtude do intelecto é aquela que depende mais do ensino, requer tempo, já a virtude da moral é resultado do hábito. As ações visam um bem comum, a felicidade, mas para se chegar ao que temos por noção de felicidade, devemos encontrar uma posição intermediária entre a falta e o excesso, esta posição Aristóteles chama de meio-termo.

Porém viver virtuosamente é raro e digno de louvor, segundo Aristóteles, pois controlar as paixões e as ações requer disposição, muitas vezes devemos pender nossos atos para o excesso e/ou para a falta afim de encontrar o meio-termo que visa o bem comum, a felicidade.

Portanto, concluímos que para Aristóteles a finalidade da vida do homem é encontrar a felicidade, para que este homem alcance a felicidade é necessário que ele viva segundo a virtude, a virtude através da prática das ações deve encontrar o meio-termo que tem como fim na felicidade. Alcançamos a felicidade por meio das ações virtuosas, isto é, buscando o meio-termo das ações extremas. Os homens são responsáveis por suas ações, é ele que escolhe ser virtuoso ou não, ele escolhe a forma de agir, pois as virtudes derivam do hábito e que para se chegar à felicidade é necessário encontrar a justa proporção entre os dois extremos.

REFERÊNCIAS:

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**: Aristóteles. São Paulo: Martin Claret, 2016.

BLOCH, Marc. **Apologia da História**: ou o ofício do historiador. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

CARDOSO, C.F; VAINFAS, R. (orgs). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à História da Filosofia**: Dos pré-socráticos a Aristóteles. vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. vol 2 São Paulo: companhia das Letras, 2002.